



MARINA SILVA

DA CAL AOS VIDROS ESVERDEADOS

Paleta se transforma sob nossos olhos: saiba como a Axé Music e o Olodum também mudaram cor da capital

Fernanda Santana

REPORTAGEM

fernanda.santana@redebahia.com.br

As cores de uma cidade trazem o que há de mais subjetivo nela. A riqueza, a pobreza, a época, as modernidades, um modal de transporte, mudanças na arquitetura: tudo retira cor, tudo imprime cor. Em Salvador, foram necessárias sete décadas para diversificar uma paisagem cromática que só conhecia os tons pastéis. Tinta era luxo. Colorido, raridade.

Até meados do século 19, Salvador tinha 14 mil habitantes e era pintada à base de cal, no máximo por tonalidades mais claras nas portas e

janelas. As fotografias da época estão em preto e branco, mas fotógrafos, arquitetos, historiadores e a memória oral confirmam que a diversidade de cores é mais jovem que 8% da população metropolitana – percentual de pessoas com mais de 70 anos.

É o caso do aposentado Nival Marinho, 94 anos, que lembra as cores que o cercavam. Ao sair de casa, na Liberdade, para trabalhar na Rua Chile, ele via diferenças sutis na coloração. O endereço, como todo o centro, era um emaranhado de bege. Até os homens vestiam branco. Na Liberdade, as fachadas eram mais coloridas, mas “contidas”.

“O povo era muito contido,

não se expressava em tudo. Me lembro que minha casa era amarela, mas apagada, dentro tudo branco”, diz o aposentado.

Enquanto migrava pelo mapa, ele testemunhou as transformações coloridas locais. Quando chegou, há 40 anos, para morar no bairro do Canela, a cidade já estava maior em tamanho, população e, conseqüentemente, variação cromática.

“O povo hoje gosta mais de exibir cores. Antes, só no Carnaval elas explodiam”.

A sobriedade das ruas respondia a restrições da indústria. Até aos anos 20, as tintas chegavam a Salvador por navio, vindas da Europa.

Só em 1960, o acréscimo de materiais como o látex na composição torna os pigmentos mais vibrantes. A partir de então, e não só como resposta às novas tintas, cada região de Salvador imprimia suas cores nela.



O colorido também está nas pessoas, no encontro. O colorido é uma cidade em movimento

Tania Scofield, presidente da Fundação Mário Leal Ferreira, responsável pelo planejamento urbano de Salvador

NOVAS MUDANÇAS

Nos anos 60, a população local vivenciou o primeiro salto. Os adensamentos urbanos em encostas surgiram entre as décadas de 40 e 50. Hoje, 40% dos habitantes vivem em favelas, aponta o Map Biomass.

A primeira favela da cidade, chamada Corta Braço, resultou no bairro de Pero Vaz. A aposentada Sandra Reis, 65, lembra de um endereço marrom (do chão de terra e

dos tijolos aparentes das casas), mas, de certa forma, mais colorido. “Tínhamos tintas de saco. Me lembro de um amarelo, verde, mas ainda era apagada. Apesar disso, era um bairro com cores”.

Colorir as ruas era uma festa para Sandra e os irmãos – como para vizinhos de outras periferias. “As casas tinham o costume de pintar no Natal. Pintar a casa era uma festa”.

As favelas pintaram Salvador de marrom, mas também se firmaram como uma reserva de colorido.

“A despeito da pobreza, tínhamos um dinamismo cultural, a exuberância do mar, do Parque de São Bartolomeu”, conta José Ferreira, 49, morador do Subúrbio. Cada morador, a partir da sua perspectiva, viu a cidade ser colorida de diferentes formas. “A perda do trem, por exemplo, foi terrível, perdemos em exuberância de cor, e não sabemos como será o futuro”, continua José.

O marrom de Salvador é seguido pelo cinza das avenidas. Nos anos 60, são construídas algumas das maiores vias locais, como a Centenário. As avenidas Afrânio Peixoto (Suburbana), Bonocó (Mário Leal Ferreira), Luís Viana Filho (Paralela) viriam na década seguinte.

A diversidade cromática se expressava mais nos espetáculos da natureza e nas ruas: o azul do mar, o verde dos biquínis, o amarelo dos carros.



Minha casa era amarela, mas apagada. O povo hoje gosta mais de exibir cores. Antes, só no Carnaval elas explodiam

Nival Marinho, 94 anos, lembra as cores que o cercavam: ‘contidas’



MARINA SILVA



SORA MAIA



MARINA SILVA



PAULA FRÖES

1 Novas tendências Cidadela e suas cores mais fortes e modernas, como verde, vermelho e preto **2 Rua Chile** Tons pastéis e contidos: mais chique **3 Presépio** Vista de quem chega no ferry: galpões e casas **4 Pelourinho** Na requalificação bege foi substituído pelas cores vivas e transformam paisagem **5 Cores da Liberdade** Bairro ostenta verde e construções

Criança, a psicanalista Urânia Tourinho, 79, lembra de uma Salvador que a encantava pelo natural, como as amendoeiras do Porto da Barra.

“As árvores foram desaparecendo. Me encantava e encanta esse colorido natural, do anoitecer que transmite uma tranquilidade”, diz a psicanalista e escritora.

A adolescência e início da vida adulta dela coincidem com a verticalização de Salvador. O bege dos casarões, aos poucos, perde espaço para as tonalidades gravadas na paisagem pelos prédios e conjuntos habitacionais – como Cajazeiras. Os primeiros edifícios ainda eram pintados em tons pastéis, mas já havia espaço para, por exemplo, faixas bem coloridas.

Como os fenômenos fluem, em 1972, a Rede Globo realizou a primeira transmissão televisiva colorida. “A gente começa a ver a vida naquela telinha. Ela traz uma explosão de cores e o mundo parece que vira outro. A lógica vira de mais cor”, metforiza André Lessinger, arquiteto e professor da Universidade Federal da Bahia (Ufba).

A NOVIDADE, O RETORNO

Os anos 70 antecedem duas mudanças urbanas que revolucionaram as cores locais: a construção dos prédios da Cidadela, nos anos 80, e a revitalização no Pelourinho.

O arquiteto Fernando Peixoto, responsável pelo novo conjunto arquitetônico, imprime na capital paletas mais fortes: vermelho, verde, preto e branco. A mudança dialoga com um período eferescente, marcado pelo Axé Music e a popularização do Olodum, que reverencia os panafrikanistas verde, vermelho e preto.

A influência do arquiteto se expande pela capital. Por falar em Olodum, o Pelourinho recebeu uma intervenção urbanística, nos anos 90, que também transformou a imagem de Salvador.

Entre 1992 e 1999, o governo de Antônio Carlos Magalhães promoveu a chamada requalificação do sítio histórico. “Ele pinta as casas com amarelo gema, verde forte, aquilo não existia. Foi muito polêmico, mas virou símbolo da cor da cidade”, explica Nivaldo Andrade, professor de História da Arquitetura da Ufba.

Quando retornou para a casa, depois das intervenções, a família Santana encontrou a casa nº 6, da Rua do Seminário, vermelha. Até então, era rosinha. Como as cores traduzem ideias, a matriarca se desesperou. “Minha avó se queixava. O Pelourinho tinha o estigma de ser chamado de ‘brega’ e uma

casa vermelha podia soar mal”, lembra, com bom humor, a escritora Mônica Santana.

Mas ela gostou. A casa onde Monica morou até 2006 continua vermelha.

DE VOLTA AO PASSADO

Nessa época, as cores da cidade também eram sortidas pelos carros. Desde os anos 70, eles estampavam tons mais psicodélicos, como o laranja. Mas essa intensidade, segundo os proprietários, desvalorizava o veículo na hora da venda. Nos anos 2000, tem início a fase, que não acabou, do cinza, preto e branco.

Uma mudança também refletia um apelo por “sofisticação”. As cores, afinal, refletem emoção e simbolismo, como escreve o arquiteto gaúcho Simão Goldman.

O passado puxado para o tom pastel ressurgiu na cidade. As ruas coloridas onde a aposentada Sandra cresceu, no Pero Vaz, estão tomadas por azulejos amarronzados nas fachadas.

Ela acredita que a mudança é motivada pela durabilidade do azulejo, mas também cita a elegância. As cores pastéis são, historicamente, associadas à “elegância”.

“A obra de Niemeyer, por exemplo, é extravagante do ponto de vista volumétrico, mas de cor é discreta. A estética minimalista acaba sendo entendida como mais clássica”, explica Nivaldo Andrade.

Nos últimos 15 anos, os vidros esverdeados trouxeram um novo aspecto de cor às ruas. A desculpa também é a suposta elegância.

No entanto, a cidade para o futuro precisa mais do colorido que do bege, o que inclui gente, acredita Tânia Scofield, presidente da Fundação Mário Leal Ferreira, responsável pelo planejamento urbano de Salvador.

A reforma da Orla marítima, iniciada em 2013, foi um dos pontos de virada para a cor local, opina a arquiteta, por ter levado mais gente às ruas.

“O colorido também está nas pessoas, no encontro. O colorido é uma cidade em movimento”, opina Scofield.

Depois das grandes avenidas de vale, a inauguração do metrô e do BRT retomam a discussão sobre o lugar do verde na metrópole que precisa circular.

“Os grandes edifícios e projetos recentes têm apostado em jardins verticais. Esse tipo de intervenção vai reintroduzindo o verde na cidade”, pontua o arquiteto André Lessinger.

As cores do futuro começam a ser gravadas nas paisagens locais. Da sua janela, é possível ver.

8%

Da população viu um passado bem mais bege em Salvador

1972

Primeira transmissão televisiva colorida traz uma explosão de cores

40%

Da cidade de Salvador é formada, e colorida, por favelas

DÉCADAS DAS CORES

● **1960: O crescimento demográfico, as transformações na indústria das tintas e o surgimento das favelas e novas avenidas mudam a paisagem cromática**

● **1980: Novas tendências arquitetônicas imprimem tons mais fortes, como verde, vermelho e preto**

● **1990: A requalificação do Pelourinho substitui o bege pelas cores vivas e transformam a paisagem colorida**